

OS INTELLECTUAIS ROMÂNTICOS BRASILEIROS E O DISCURSO EDUCACIONAL EM SINTONIA COM A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO DE VICTOR COUSIN

João Batista Andrade Filho*

lattes.cnpq.br/4909704759959069

Resumo: A filosofia defendida por Victor Cousin, sob os auspícios do Romantismo e do Idealismo, é uma filosofia nascida no contexto da Restauração Francesa. Segundo Antonio Paim (1999), o Brasil, na condição de país independente, teve a glória de encontrar dois mestres de filosofia que influenciaram fortemente gerações de políticos e intelectuais, que foram Silvestre Pinheiro Ferreira (1769-1846) e Victor Cousin (1793-1867). Este último foi aclamado diretor espiritual por alguns intelectuais brasileiros que viveram em Paris na década de trinta do oitocentos, e por muitos outros que não transpuseram os limites de sua pátria. Na condição de discípulos, esses intelectuais brasileiros, atrelados ao Romantismo, realizaram no Brasil um amplo movimento educacional, em âmbito nacional, instaurando no país o debate filosófico autêntico, editando livros e revistas, formando professores e participando ativamente da discussão teórica que tinha lugar em parte da Europa. O tema exposto, tratado sob um viés compreensivo, contempla o nosso interesse mais amplo pela história das ideias filosóficas no século XIX que, de uma maneira ou de outra, influenciaram as questões educacionais no Brasil. Durkheim (1955) compreendeu que aos estudos históricos de um dado sistema de educação estão atreladas questões religiosas, políticas, científicas e outros fenômenos sociais, enquanto causas sociais e sem as quais os fenômenos educacionais ficariam incompreensíveis. Nesta direção compreendemos que, em toda época, à educação estão ligadas ideias filosóficas.

Palavras-chave: Espiritualismo Eclético; Educação; Intelectuais românticos.

LES INTELLECTUELS ROMANTIQUES BRÉSILIENS ET LE DISCOURS ÉDUCATIF À L'ÉCOUTE LA PHILOSOPHIE DE L'ÉDUCATION DE VICTOR COUSIN

Résumé: La philosophie défendue par Victor Cousin, sous les auspices du romantisme et l'Idéalisme est une philosophie née dans le cadre de la restauration française. Le Brésil, avec le statut de pays indépendant avait la gloire de trouver deux maîtres de philosophie qui ont fortement influencé des générations de politiciens et d'intellectuels.

* Doutor em Educação. Docente da Secretaria da Educação Básica do Estado do Ceará (Brasil). Contato: jbandradef@gmail.com.

tuels qui étaient Silvestre Pinheiro Ferreira (1769-1846) et Victor Cousin (1793-1867). Ce dernier a été acclamé directeur spirituel par certains intellectuels brésiliens qui vivaient à Paris dans les années trente du XIXe siècle, et beaucoup d'autres qui ne sont pas transposés les limites de leur pays d'origine. Sur l'état de disciples, ces intellectuels brésiliens, liés au romantisme, menées au Brésil un large mouvement éducatif, au niveau national, en établissant dans le pays le véritable débat philosophique, l'édition de livres et de magazines, la formation des enseignants et de participer activement à la discussion théorique qui a eu lieu dans une partie de l'Europe. Le sujet exposé, traité sous le biais de la method globale, comprend notre intérêt plus large pour l'histoire des idées philosophiques du XIXe siècle, que, d'une ou d' autre façon, ont influencé les questions de l'éducation au Brésil. Durkheim (1955) a compris que les études historiques d'un système éducatif donné sont liés a des aspects religieux, politiques, scientifiques et d'autres phénomènes sociaux. Dans ce sens, nous comprenons que, dans tous les âges, l'éducation est liée a des idées philosophiques.

Mots-clés: Spiritisme écletique; Éducation; Intellectuels romantiques.

* * *

Situando a discussão

A filosofia defendida por Victor Cousin, sob os auspícios do Romantismo e do Idealismo, é uma filosofia nascida no contexto da Restauração Francesa. Tal evento – que se deu após a queda de Napoleão Bonaparte, em 1814, e que tinha como objetivo restabelecer a paz, bem como a ordem nacional para que não avançassem as ideias radicais da Revolução Francesa, por um lado e, por outro, não fosse restituído o poder à aristocracia de mentalidade absolutista – impulsionou a formação de uma mentalidade conciliatória.

Era o momento de sedimentação do projeto de poder político da burguesia. Neste sentido, por outorga da Carta Constitucional de 1814, instaurou-se, na França, uma monarquia constitucional. Isso porque, segundo Oliveira (2000, p. 141), a burguesia, apostando numa tendência política de busca de conciliação, procurou se inscrever como segmentação social intermediária dos conflitos e da delicada e complexa posição

política, acreditando dar um rumo que considerou seguro à nação francesa.

Intelectuais como François Guizot (1787-1874) e Pierre Paul Royer-Collard (1763-1845), percebendo a delicadeza da situação e a iminência constante de conflitos, passaram a defender a tese da reconciliação. Afirma Oliveira (2000, p. 143) que “para sair dessa difícil situação, para fazer com que as disputas entre classes e partidos ficassem restritas ao âmbito institucional, Guizot conclamou a burguesia e a aristocracia a se reconciliarem”. Tais intelectuais tiveram papel preponderante no estabelecimento do quadro político da Reconciliação.

Desse contexto surgiu um grupo de intelectuais denominados de *Doutrinários* cuja atuação seguiu no caminho de dar à França a tão almejada estabilidade política. Constituíram-se esses intelectuais, inclusive, como partido político.

Tais pensadores tinham como missão forjar a nova configuração política. A partir daí, tinham em evidência a ideia de que a situação reivindicava também a elaboração de um propósito de educação, não à toa que propuseram a reforma no ensino francês. O projeto político, portanto, estando atrelado a um propósito educacional, procurou centrar esforços no sentido de que deveria começar pela educação da criança.

Royer-Collard, um dos pais do Espiritualismo Eclético, professor e mentor de Victor Cousin e líder dos *Doutrinários* ao lado de Guizot, defendeu uma proposta educacional pautada no senso de responsabilidade e de dever dos educandos. Conforme os preceitos da filosofia que defendeu, apostou que a educação era a condição de regeneração do gênero humano.

Royer-Collard, professor e decano, sempre esteve envolvido com questões relativas à educação. Quando da formação do ministério da Restauração, em 1814, propôs reformas no ensino primário. Comentando essas reformas, Gontard afirma que elas tinham como objetivo influenciar na formação da criança. Enquanto a escola tradicional baseava sua educação no binômio autoridade-obediência, a nova proposta educacional pretendia, por seu turno, desenvolver o senso de responsabilidade e de dever nos educandos. Objetivava, através da educação das crianças, exercer influência sobre sua família, seus amigos, enfim,

todas as pessoas que faziam parte da sua vida. Era uma proposta que pretendia regenerar o gênero humano. (OLIVEIRA, 2000. p. 144).

O Espiritualismo Eclético é, portanto, filho legítimo dessas circunstâncias. Como proposta metafísica, buscou realidades espirituais universais como Deus, a alma, a partir da investigação interior. Mas, pelas circunstâncias referidas, é também uma filosofia política que buscou regenerar e moldar o ser humano através de um propósito de educação. Há embutido, portanto, um aspecto pragmático pautado à luz do liberalismo.

Dentre os principais nomes que figuram como representantes de referida escola filosófica, segundo Bréhier (1977), estão Pierre Laromiguière (1756-1837), Paul Royer-Collard (1763-1843), Théodore Jouffroy (1796-1842) e Victor Cousin (1792-1867).

Deste último nos ocuparemos devido, tanto ao desenvolvimento das ideias no que respeita ao desenvolvimento e amadurecimento do Espiritualismo Eclético, quanto à influência que suas ideias exerceram junto aos intelectuais brasileiros ligados ao Romantismo bem como àqueles que estiveram à frente da condução política do Segundo Império.

O tema exposto contempla o nosso interesse mais amplo pela história das ideias filosóficas no século XIX que, de uma maneira ou de outra, influenciaram as questões educacionais no Brasil. Durkheim (1955) compreendeu que aos estudos históricos de um dado sistema de educação estão atreladas questões religiosas, políticas, científicas e outros fenômenos sociais, enquanto causas sociais e sem as quais os fenômenos educacionais ficariam incompreensíveis. Nesta direção compreendemos que, em toda época, à educação estão ligadas ideias filosóficas que lhe dão norteamento e, portanto, ao narrarmos a história da educação, não podemos prescindir da história das ideias à ela subjacente.

Segundo Tuchman (1991), um dos requisitos indispensáveis para uma boa escrita da história é a paixão e o entusiasmo pelo assunto sobre o qual se está escrevendo. Compreender um contexto influenciado pelo Espiritualismo Eclético e, com isso, compor uma narrativa da história da

educação nos entusiasmos e nos aproxima de outro interesse que é a história das ideias no Brasil.

Sobre Victor Cousin e os aspectos gerais do Espiritualismo Eclético

Segundo Antonio Paim (1999), o Brasil, na condição de país independente, teve a glória de encontrar dois mestres de filosofia que influenciaram fortemente gerações de políticos e intelectuais, que foram Silvestre Pinheiro Ferreira (1769-1846) e Victor Cousin (1793-1867). Este último foi aclamado diretor espiritual por alguns intelectuais brasileiros que viveram em Paris na década de 1830 e por muitos outros que não transpuseram os limites de sua pátria. “Na condição de seus discípulos, realizaram no Brasil um movimento empolgante, instaurando no país o debate filosófico autêntico, editando livros e revistas, formando professores e participando ativamente da discussão teórica que tinha lugar em parte da Europa” (PAIM, 1999, p. 6).

Na França, como no Brasil, o registro histórico da influência exercida por Cousin foi deliberadamente ofuscado pelas teorias científicas, tais como o Evolucionismo e o Positivismo, e posteriormente pelo Marxismo, de forma que, ainda hoje, esse ofuscamento persiste. Cousin e o alcance de seu Espiritualismo Eclético permanecem, ainda, matéria quase que inédita na história da filosofia, na história da educação e na história política.

Consideramos imprescindível aqui fazermos um delineamento biográfico do filósofo Victor Cousin, indicando as influências recebidas, bem como um brevíssimo delineamento de sua obra, procurando posteriormente apontar o momento em que seu pensamento começa a ganhar espaço no meio intelectual brasileiro, bem como o alcance e desdobramento dessas ideias no Brasil do Segundo Reinado.

Victor Cousin nasceu na cidade de Paris, no dia 28 de novembro de 1792. Exerceu as atividades de escritor, filósofo, político, professor e ministro da Instrução Pública. Fez estudos secundários no Liceu Charle-

magne, onde foi laureado com o prêmio de retórica no Concurso Geral dos Liceus. Escolhendo a carreira do magistério, entrou para a Escola Normal. Nesta instituição, conforme contou posteriormente o próprio Cousin, as lições de Laromiguière abriram-lhe as portas da Filosofia, sendo determinantes para a sua vocação filosófica.

Segundo Barros (1973, p. 32), “aluno de Letras da Escola Normal, desde 1810, ouvindo a Laromiguière, Cousin descobre a sua ‘vocação’ filosófica e a ela se entrega, com pertinácia, daí por diante”. O excerto abaixo, do próprio Cousin (apud BRÉHIER, 1977), revela quanto foi significativo esse encontro com Laromiguière:

Está e estará sempre em minha memória, com uma emoção gratificante, o dia em que, pela primeira vez, em 1810, aluno da Escola Normal, na seção de Letras, ouvi a palavra de Laromiguière. Esse dia decidi toda a minha vida, entusiasmando-me a meus primeiros estudos [...].

Da mesma forma, as lições de Royer-Collard e as leituras que fizera da obra de Maine de Biran imprimiram um forte direcionamento espiritualista em suas ideias, do qual jamais abriu mão.

Na Escola Normal que Victor Cousin descobriu a Filosofia. Esta era ali ensinada por dois professores representantes de tendências rivais: Laromiguière, tentando prolongar a tradição ideológica sob a forma ilegítima de um sensualismo emendado, ao tempo em que Royer-Collard dava início ao movimento de uma reforma intelectual que tendia a colocar na pauta os novos valores do espiritualismo. (CORPUS, p. 30) [tradução nossa].

O recorte abaixo, um testemunho de Théodore Jouffroy, discípulo de Cousin, corrobora ainda para a composição do quadro de influências e de direcionamento intelectual de seu mestre.

Laromiguière havia colhido, como um herdeiro, a filosofia do século XVIII, que se limitou ao problema sobre a origem das ideias, não o tendo desenvolvido satisfatoriamente. O vigoroso espírito de Royer-Collard, reconhecendo esse problema, nele se aprofundou o quanto pode e dele não teve tempo de sair. M. Cousin, em meio a esse combate, a ele se lançou inicialmente, mas, na condição de procurar a solução posteriormente. Toda a filosofia estava em um buraco onde faltava ar e sufocava a mi-

nha alma e, durante esse tempo a autoridade dos mestres e o fervor dos discípulos dominando meu espírito, não ousava revelar minha surpresa nem meu desapontamento. (JUFFROY apud CORPUS) [tradução nossa].

A esta situação de penúria intelectual duramente ilustrada por Théodore Jouffroy, uma condição que, segundo ele mesmo afirmou provocava o sufocamento da alma, parece ter sido encarado por Cousin como estímulo para aumentar a consciência de que um campo livre e propício se vislumbrava em que se pudesse mais apropriadamente intervir e inovar.

Foi, portanto, pretensamente este sentimento que inspirou Cousin a formar os jovens espíritos que em breve seriam seus discípulos. A respeito dos ensinamentos de Cousin na Escola Normal, constam lições e leituras das obras de Locke, de Condillac e de Reid. Alimenta-se tal afirmativa pelo fato de Cousin ter defendido, em 1813, tese de doutorado a partir de leituras de Condillac (*De methodo sivi analysi*). Nessa época talvez já estivesse sob influência preponderante e proteção de Royer-Collard. O que se sabe é que, ainda no ano de 1813, com 21 anos, Cousin já estava encarregado de ministrar conferências na Escola Normal, onde seus primeiros alunos foram Damiron e Jouffroy

Aos 23 anos, em 1815, Cousin substituiu seu mestre Royer-Collard na cátedra de Filosofia Moderna da Faculdade de Letras de Paris, atraindo, ao seu curso, uma juventude numerosa e entusiasmada com suas lições da filosofia escocesa e da filosofia kantiana.

O entusiasmo, por parte da juventude, gerado pelas lições liberais de Cousin, acabou provocando a oposição de determinados setores mais tradicionais, do que resultou no afastamento de suas atividades docentes pelo governo da Restauração, em 1820.

D'outras influências na vida intelectual de Cousin, constam aquelas que ele colheu diretamente na Alemanha junto a alguns românticos e idealistas hegelianos, bem como suas leituras da filosofia kantiana e da filosofia de Herder.

Registram-se, em sua biografia, três viagens à Alemanha, nos anos de 1817, 1818 e 1824. Nesta última, Cousin foi retido e preso em Berlim

sob a acusação de pertencer ao grupo dos Carbonários. Por intervenção de Hegel, de quem privou amizade, livrou-se da acusação. Regressando à França, paulatinamente procurou retomar suas atividades no posto do qual fora destituído.

Ao retomar suas atividades acadêmicas, em 1828, sob o ministério de Martignac, assinalou essa segunda fase com um estrondoso sucesso. A Revolução de Julho abriu-lhe novas e mais altas perspectivas, possibilitando-lhe granjear cargos como os de Conselheiro da Universidade, membro da Academia Francesa e da Academia de Ciências Morais e Políticas. Em 1840 ocupou por oito meses o cargo de ministro da Instrução Pública, durante o Gabinete de Thiers.

Por esse período incumbiu-se da tarefa de reformar o ensino francês. Tal empenho não se deu de maneira fortuita, fora resultado de um extenso trabalho de pesquisa história no âmbito da educação, haja vista que sobre a instrução pública Cousin escreveu as seguintes obras que lhe serviram de parâmetro e posteriormente de parâmetros a discípulos que se envolveram com o tema, incluindo-se aí intelectuais brasileiros que utilizaram essas obras como fundamentação de seus posicionamentos: *Da instrução pública em Holanda*, de 1837; *Da instrução pública em algumas regiões da Alemanha, particularmente na Prússia*, de 1840; *Relatório sobre o estado da instrução pública em algumas regiões da Alemanha, particularmente na Prússia*, de 1833; *Da instrução secundária no reino de Prússia*, de 1841; *Estado da instrução primária no reino da Prússia em fins de 1831*, de 1833.

O empenho intelectual de Cousin também é considerável, de acordo com Barros (1973, p. 32), “por aplicar à filosofia a nova intuição do mundo própria do romantismo: a intuição histórica, devidamente acompanhada por um instrumental erudito.” Segundo Paim:

Deve-se creditar a Cousin a difusão de uma noção enriquecedora da História da Filosofia. As bases dessa disciplina haviam sido lançadas no próprio século XIX, sobretudo nos cursos ministrados por Hegel nas primeiras décadas. Mas estes somente seriam divulgados postumamente, a partir de notas tomadas pelos participantes, já que Hegel não os escrevera. De sorte que a ideia de que a História da Filosofia corresponde a um grande

diálogo no tempo – novidade absoluta e descoberta de grandes consequências – esteve associada ao nome e à obra de Cousin. (PAIM, 1999, p. 7).

O próprio Cousin justificou tal empenho em suas lições, em 1828. Como ele mesmo escreveu, “tentarei prosseguir a reforma dos estudos filosóficos na França, iluminando a história da filosofia por um sistema e demonstrando esse sistema pela história completa da filosofia” (COUSIN apud BRÉHIER, 1977, p. 80).

Em relação à filosofia de Victor Cousin, mais propriamente a esse sistema que ele pretendeu constituir, conforme visto, seria um sistema metafísico que, na visão do referido filósofo, teria a capacidade de reabilitar aquilo que a filosofia cartesiana inaugurara com o *cogito*, ou seja, a capacidade de observação que culminasse, por “intuições irrepreensíveis”, em abstrações metafísicas.

Segundo o referido filósofo, essa tradição foi desencaminhada desde a filosofia baconiana, que limitou a observação a coisas físicas, desembocando posteriormente na filosofia do século XVIII, notadamente com Condillac (1715-1780) que, segundo ele, reduziu todo o conteúdo do espírito à sensação, entendendo que o conhecimento é o conjunto das impressões passivas das coisas em nós.

Para Cousin, parafraseado por Bréhier (1977, p. 81), somente no século XIX seria reabilitado o que ele considerou o verdadeiro método, o método psicológico em filosofia, com Laromiguière, que mostrou a existência de fenômenos ativos irreduzíveis, como a atenção, e com Maine de Biran, que trouxe a lume a atividade interna à qual está unida a consciência do eu. Com esses dois pensadores Cousin vê o estabelecimento da ideia de duas faculdades, a sensação, eminentemente passiva, e a vontade ou liberdade, com caráter ativo. A estas ele acrescentaria a inteligência ou a razão, “que ultrapassa o dado contingente da sensação e que conhece os objetos independentes do eu ativo”.

[...] Cousin, que se encaixa também, ainda que de modo peculiar, no movimento romântico, tem, no caso, uma atitude mais aberta. Se ele acusa o século XVIII de ter deixado o “vazio por herança”, reconhece também que ele legou “um amor enérgico e fecundo da verdade, capaz de preencher o abismo e de substituir

ir o que destruiu. É preciso que o século XIX, fiel ao século XVIII, mas diferindo dele para dele ser digno, encontre numa análise mais profunda do pensamento os princípios do futuro e erga, enfim, um edifício que possa confirmar a razão”. (COUSIN apud BARROS, 1973, p. 40).

Na visão de Cousin (apud BARROS, 1973, p. 41), os fatos da consciência são os únicos dados possíveis. Daí o verdadeiro conhecimento ser alcançado somente por indução racional ou intelectual. Sua metafísica persegue princípios universais e necessários alcançáveis somente através da razão.

Cousin (apud BARROS, 1973, p. 41) afirma que a verdade desses princípios é indubitavelmente aclarada conforme a intuição racional. Segundo ele, a razão, que está no homem, opera como uma ponte entre a consciência e o ser.

Defendendo a razão como elo, Cousin entende que ela é individual e finita, mas com raízes no infinito e, ao mesmo tempo, com caráter universal e necessário. O Espiritualismo de Cousin desemboca na conclusão de que o fundamento da verdade está em Deus. E a elevação do espírito do homem até Deus se faz por via indireta, por meio do conhecimento da verdade, que se dá por revelação, mas somente após o exaustivo exercício da racionalidade, alcançando o que Barros (1973, p. 42), interpretando a filosofia de Cousin, denominou de “teoria da afirmação pura”.

Na filosofia em questão, Deus, portanto é ponto de chegada. Cousin fez o percurso do método psicológico para, através de intuição racional, encontrar o que ele considerou a substância, a causa suprema, a unidade de todas as verdades. Ao mesmo tempo, Deus é ponto de partida porque é a garantia da liberdade humana, estabelecida pelo exercício da racionalidade, e somente aí se tem a possibilidade da fundação da história humana, que pra Cousin é o governo de Deus. Desta forma, a liberdade, bem como a inteligência, são os atributos que darão o suporte necessário ao homem estabelecer uma relação diferenciada com o mundo, possibilitando a superação das adversidades que o mesmo proporciona, fundando a cultura.

Segundo Barros (1973, p. 49-50), esses são atributos que permitiram Cousin elaborar uma espécie de ‘filosofia da cultura’, “fundada nas

necessidades fundamentais do espírito do homem e que governam sua atividade que são as ideias do útil, do belo, de Deus e da reflexão, cada uma presidindo a um dos campos, sempre solidários da cultura – e por essa solidariedade caracterizando uma época”.

Aqui chamamos a atenção para a observação de que o mesmo autor referenciado acima ressalta, afirmando que há uma associação direta desse aspecto da filosofia de Cousin com o pensamento de Herder. O Espiritualismo Eclético certamente foi um filtro que depurou de diversas doutrinas aquilo que Victor Cousin entendeu ser útil a seu projeto filosófico. Utilizou fontes gregas, medievais, renascentistas, a filosofia cartesiana, a filosofia empirista, a filosofia pré-romântica de Herder, a filosofia kantiana, a filosofia romântica, a filosofia do idealismo de Hegel e a filosofia espiritualista francesa de Maine de Biran (1766-1824) a Royer-Collard.

As obras de Vitor Cousin que consolidam o projeto do Espiritualismo Eclético são variadas. Apresentam-se obras propriamente filosóficas, bem como obras históricas, políticas e educacionais. A exemplo de seu mestre Royer-Collard, Cousin apresenta uma fundamentação filosófica para fazer a defesa de uma proposta política e educacional. Portanto, sua filosofia é uma doutrina eminentemente moral.

Os intelectuais do Segundo Império e a sintonia discursiva com os preceitos educacionais da Filosofia Eclética

Foi sob os auspícios dessa filosofia que o Romantismo brasileiro foi configurado. Gonçalves de Magalhães foi, formalmente, o inaugurador de nosso romantismo com os manifestos lançados em Paris, na década de 1830, a partir da *Revista Niterói*. Desses manifestos destacaremos: *Ensaio sobre a história da literatura no Brasil*, do qual são reflexos *Suspiros poéticos e saudades* e, posteriormente, *A Confederação dos Tamoios*; e *Filosofia da religião: sua relação com a moral e sua missão social*, obra eminentemente eclética que, segundo Barros (1973, p. 66), “é um

manifesto do espiritualismo filosófico romântico, apoiado na ideia de que a religião é o fulcro da cultura, manifesto que deve incitar uma nova atitude moral no País, consentânea com aquela a tomar-se nas artes e na literatura”. A propósito das teses desenvolvidas por Magalhães, Barros (1973, p. 73) sustenta que

[...] trata-se de encetar uma reforma espiritual inteira da sociedade brasileira, sob a égide da filosofia espiritualista e do romantismo “comedido, dominado pela visão propiciada pelo ecletismo”. Trata-se do projeto brasileiro de Magalhães: dar à nação uma nova dimensão espiritual, que há de balizar os caminhos de nossa literatura, de nossa filosofia, de nossa educação, de nossa política.

Segundo Barros, o orientador dessas ideias de Magalhães foi o Victor Cousin dos cursos de 1828, enriquecidos pelas ideias do *Da Religião*, de Benjamin Constant, e pelas de Herder, expostas nas *Ideias para uma filosofia da história da humanidade*. Sobre essa fonte, que lhe alimentou o espírito, Magalhães encontrou-a primeiramente no Brasil através dos ensinamentos do Frei Filósofo Monte Alverne (1784-1838), que ministrava suas aulas no Seminário Episcopal de São José. Posteriormente, a encontrou diretamente nas obras de Cousin e, em seguida, nas lições de Theodore Jouffroy, o “ótimo discípulo de Cousin”, já no *College de France*, em Paris, da década de 1830. Conforme o próprio Magalhães se referiu, em carta enviada a seu antigo mestre.

[...] M. Jouffroy está publicando suas lições de Direito Natural; eu tenho assistido a elas e posso assegurar-lhe que são muito filosóficas; ele desenvolveu da maneira mais clara e precisa o sistema de Spinoza, assim como o ceticismo e o misticismo; ele se mostra digno sucessor de Royer-Collard e ótimo discípulo de Cousin. (MAGALHÃES apud BARROS, 1973, p. 55-56).

Segundo Paim (1985, p. 40), e conforme já salientamos alhures, o Espiritualismo Eclético foi a “primeira corrente filosófica rigorosamente estruturada no país, tendo logrado ganhar a adesão da maioria da intelectualidade, notadamente aquela ligada ao Romantismo, e manter uma situação de domínio absoluto da década de quarenta à de oitenta do século passado”. Segundo Macedo (1997, p. 33), “a vigência do ecletismo se

estende por todo o Segundo Reinado (1840-1889)”. Mas seus ecos já se faziam ouvir no Brasil anteriormente ao início da década de 1830 com a ação do professor português da cadeira de Filosofia Moral e Racional do Colégio de Artes da Universidade de Coimbra, Antônio Silvestre Pinheiro (1769-1846), que viveu e lecionou no Brasil entre 1809 e 1821. Segundo Paim (1985, p. 35), “a obra do grande filósofo português corresponde, no pensamento brasileiro, ao momento de transição para o ecletismo”.

Do ponto de vista formal, Paim (1985, p. 42) indica o ano de 1833 como o marco da formação da Escola Eclética no Brasil. O Seminário São Joaquim, no Rio de Janeiro, foi um centro irradiador dessas ideias. De acordo ainda com Paim (1999, p. 32), os professores de Filosofia do referido seminário estiveram na França, estudando com Cousin ou Jouffroy.

Sabe-se que, em muitas províncias do Brasil, intelectuais fizeram do Espiritualismo Eclético a bandeira de suas defesas políticas e ideológicas. Traduziram e espalharam obras e ideias de Cousin, e alguns até se atreveram a dar prosseguimento e aprofundamento a algumas teses do Espiritualismo Eclético.

Há uma peculiaridade na filosofia eclética que é sua defesa da instrução pública, seguindo uma tradição deixada pelo próprio Cousin que foi ministro da Instrução Pública e responsável pela reformulação do ensino francês. Isso também foi herdado por alguns intelectuais ecléticos brasileiros. Atesta tal fato um amplo debate sobre a instrução encontrado nos periódicos e diversas revistas mantidas com o mesmo intuito, em várias províncias desde fins da década de 1840, estendendo-se até a de 1880.

Pela brevidade do momento citaremos dois fatos que atestam o que foi anunciado em parágrafo anterior, apenas para exemplificar. O primeiro, registrado na obra de Primitivo Moacyr, *A instrução e o Império*, de 1936, é a defesa de um projeto de reforma da instrução pública no Império, em 1847, encampado pela Comissão de Instrução da Câmara dos Deputados, encabeçada pelos românticos ecléticos Gonçalves de Magalhães e Francisco Salles Torres Homem. A este último coube o pronunciamento de defesa do projeto, cuja fundamentação foi feita utilizando-se as obras de história educacional de Victor Cousin. O segundo fato está

registrado nas páginas do jornal *O Cearense*, da cidade de Fortaleza, de 1849, entre os números 226 a 239, que consiste em um relatório da instrução pública elaborada por Tomas Pompeu de Sousa Brasil, intelectual eclético, diretor da instrução pública da província cearense e lente do Liceu do Ceará. No referido relatório, da mesma forma que o pronunciamento de Torres Homem, a proposta de melhoramento da instrução na província vem acompanhada de uma fundamentação das referidas obras de Cousin.

Em posterior oportunidade de artigo daremos detalhes de tais fatos. Por ora, é forçoso compreender que a influência do Espiritualismo Eclético se estendeu a diversas províncias brasileiras, não só na política, mas na literatura e na educação. Delineou as diretrizes para a compreensão e reescrita da história nacional. Até onde pudemos colher, há registros dessa influência no Rio de Janeiro, em São Paulo, nas Minas Gerais, na Bahia, em Pernambuco, no Ceará, no Maranhão e no Rio Grande do Sul.

Considerações finais

A filosofia do Espiritualismo Eclético, nascida na França pós-napoleônica é filha legítima de circunstâncias que a levaram, desde a sua gestação, a ser a promotora de um debate conciliador. Esta é sua característica essencial.

Politicamente verberou um propósito claro de justificação a monarquia constitucional, estabelecendo a mentalidade, colhida do Romantismo, do intelectual engajado e moralmente responsável pela condução do destino de sua pátria e da história dessa pátria.

Não à toa tal corrente filosófica teve uma forte acolhida no meio intelectual brasileiro por uma série de motivos, dentre estes poderemos destacar o estabelecimento de uma monarquia brasileira nos moldes da francesa. Também podemos destacar uma certa ruptura com o tradicionalismo atrelado à escolástica bem como com as correntes liberais mais radicais que impulsionaram os levantes armados e um tom conciliador

propício ao momento histórico, amainando inclusive o ímpeto das correntes mais exaltadas do Romantismo.

Os intelectuais românticos brasileiros, embebidos da filosofia de Cousin, emergiram, portanto, nesse cenário, trazendo a consciência que tinham uma missão importante a desempenhar, no âmbito das necessidades política e social do Segundo Reinado, cujo intuito era o delineamento das questões da jovem nação brasileira que se formatava, enquanto império, mas, agora e em definitivo, com independência do jugo colonial português.

Portanto, era o momento propício de gestação da brasilidade, fazendo-se necessário encontrar e dizer o que era o Brasil e o brasileiro. Com essa mentalidade de missão, tais intelectuais lançaram-se a demarcar território atuando na imprensa, na educação e na política propriamente dita.

* * *

Referências

- BARROS, R. S. M. *A significação educativa do Romantismo Brasileiro*: Gonçalves de Magalhães. São Paulo: Grijalbo, EDUSP: 1973.
- BERLIN, I. *A força das Ideias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. *As raízes do Romantismo*. São Paulo: Três Estrelas, 2015.
- _____. *Ideias políticas na era romântica: ascensão e influência no pensamento moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BREHIER, E. *História da Filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- CARVALHO, J. M. *A construção da ordem: a elite política imperial*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.
- CORPUS. 18-19, sur V. Cousin, p.29-49. Les débuts philosphiques de Victor Cousin. Disponível em: <<http://stl.recherche.univ-lille3.fr/sitespersonnels/macherey/machereybiblio41.html>>. Acesso: 26/11/2015.
- DURKHEIM, E. *Educação e sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2009.
- _____. *A evolução pedagógica*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1995.

- FRANCHETTI, P. *Nitheroy, Revista Brasiliense (1836)*. Disponível em: <<http://www.bbm.usp.br/node/95>>. Acesso em: 20 out. 2015.
- LARA, T. A. A ética espiritualista de Antônio Pedro de Figueiredo. *Revista Estudos Filosóficos*, São João del-Rei, v. 7, n. 82, p. 187, 2011.
- MOACYR, P. *A instrução e o Império: subsídios para a História da Educação no Brasil (1823-1853)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936. v. 1. (Biblioteca Pedagógica Brasileira. Série 5, Brasileira; v. 66.
- PAIM, A. *O estudo do pensamento filosófico brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Convívio, 1985.
- _____. *Escola Eclética: estudos complementares à história das ideias filosóficas no Brasil - Vol. IV - 2. ed. rev.* Londrina: Edições Sefil, 1999.
- PALMER, R. E. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 2006.
- PEDRO II. Fortaleza, v. 20, n. 1939, 22 out. 1859. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=216828&PagFis=3261&Pesq=>>. Acesso em: 28 set. 2015.
- _____. v. 17, n. 1824, 29 jul. 1958. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=216828&PagFis=3261&Pesq=>>. Acesso em: 28 set. 2015.
- REALI, G; ANTISERI, D. *História da Filosofia: do romantismo ao empiriocriticismo*. São Paulo: Paulus, 2005.
- TUCHMAN, B. W. *A prática da história*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

Recebido em 21 de julho de 2017.
Aprovado em 03 de dezembro de 2017.